

**Linguagem, discurso e religião: horizontes de compreensão a partir dos escritos de Bakhtin e o círculo**

Wilder Kleber Fernandes de Santana<sup>1</sup>  
Éderson Luís Silveira<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo pretendeu discutir, via perspectiva dialógica de compreensão, algumas das principais formulações linguístico-filosóficas sobre linguagem, discurso e religião a partir dos pressupostos de (2006 [1979], 2010 [1920-24]), Medviédev (2016 [1928]) e Volóchinov (2017 [1929]). De igual modo, objetivou realizar um levantamento de importantes formulações sobre o discurso religioso, enquanto perspectiva ideológica, sociológica, fenomenológica, e sobretudo discursiva. Constituiu-se, pois, como *uma análise de cunho bibliográfico, cujos resultados apontam para a religião como domínio de linguagem, espaço de dizer, acentuada, por Medviédev (2016 [1928]), como um dos diversos campos da criação ideológica, estando ao lado da ciência, arte, moral etc.*

**Palavras-chave:** Linguagem. Discurso. Religião. Ideologia.

**Language, discourse and religion: horizons of understanding from the writings of Bakhtin, Volóchinov and Medviédev**

**Abstract:** This article intends to discuss, through a dialogical perspective of understanding, some of the main linguistic-philosophical formulations on language, discourse and religion from the assumptions of Medviédev (2016 [1928] ) and Volóchinov (2017 [1929]). In the same way, it aimed to carry out a survey of important formulations on religious discourse, as ideological, sociological, phenomenological, and especially discursive perspectives. It was, therefore, a bibliographical analysis, whose results point to religion as a domain of language, a space that Medviédev (2016 [1928]) pointed out as one of the several fields of ideological creation. side of science, art, moral etc.

**Keywords:** Language. Speech. Religion. Ideology.

Recebido em: 24/10/2019  
Aprovado em: 20/03/2020

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: wildersantana92@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorando e Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: ediliteratus@gmail.com

## Introdução

A presente análise se propôs a realizar um estudo bibliográfico sobre as principais discussões que se têm feito na contemporaneidade sobre a interface entre linguagem, discurso e religião a partir dos pressupostos de Bakhtin e o círculo, os quais se materializam em outros campos do saber, tais como a psicologia, a fenomenologia e a filosofia. Analisamos alguns apontamentos sobre o discurso religioso em sua densidade dialógica, numa perspectiva bakhtiniana, que adquire materialidade e expansão descritiva e analítica em esferas plurivocais. Nesse direcionamento, compreendermos existir, nas produções de Bakhtin e o Círculo, múltiplos traços enunciativos desta complexa e multifacetada temática.

Justifica-se nosso trabalho por se inserir em uma linha de discussões que tem ganhado corporalidade em nível (inter)nacional, ao reenunciar a religião enquanto esfera de saber através da qual se pode produzir conhecimento e corroborar os princípios da alteridade. Nessa perspectiva, o sujeito é constituído pela alteridade, numa relação intersubjetiva mediada por múltiplos pontos de vista os quais concretizam os lugares sociais ocupados por esses sujeitos na esfera sócio-ideológica.

A base teórica que fundamenta o nosso trabalho orientou a discussão e análise na perspectiva da abordagem da Análise Dialógica do Discurso (BRAIT, 2005), que reinsere no campo das produções filosófico-científicas a teoria formulada por Bakhtin (2006 [1979], 2010 [1920-24]), Medviédev (2016 [1928]) e Volóchinov (2017 [1929]) e seus interlocutores. Quanto aos fundamentos sobre religião, recorreremos a Eliade, Rosa, Spinks, e Yung, dada a ampla dimensão das produções e práticas dos sujeitos.

Este artigo estruturou-se em três seções: na primeira, traçamos algumas formulações teórico-filosóficas sobre a Religião; na segunda, discorreremos, através de breves incursões, sobre o discurso religioso na concepção de Bakhtin e o Círculo. Na terceira seção, recorreremos às produções de outros autores para compreender as perspectivas ideológica, sociológica e fenomenológica de religião.

## 1. Formulações teórico-filosóficas sobre a religião

Além de incontáveis contribuições para o debate acerca dos níveis ético e cognitivo, encontramos, nos textos de Bakhtin, importantes formulações teórico-filosóficas sobre o ativismo estético, assim como pequenos esboços da moralidade e mediações simbólicas cristãs (COSTA, 2016). Cabe assinalar que, o fato de haver ou não escritos bakhtinianos sobre a ética religiosa não denota que este não tenha deixado rastros de linguagem cujo desenvolvimento encaminhem ao sentido e a pertinência de tal projeto (CARDITA, 2012). No ensaio *Para uma Filosofia do ato responsável* é possível perceber a intenção do próprio Bakhtin (2010) ao mencionar o campo (ética) da religião. Nas palavras do filósofo soviético,

A primeira parte do nosso estudo será dedicada precisamente à análise dos momentos fundamentais da arquitetura do mundo real, não enquanto pensado, mas enquanto vivido. A parte seguinte será dedicada à atividade [dejanie] estética como ação, não a partir do interior do seu produto, mas do ponto de vista do autor enquanto participante responsável, e <?> à ética da criação artística. A terceira parte será dedicada à ética da política, e a última à ética da religião (BAKHTIN, 2010a [1920-24], p. 111, destaques nossos).

Nóbrega (et.al, 2017) pontuam que, ao nos reportarmos, por exemplo, às condições sóciohistóricas em que Bakhtin contextualiza as obras de François Rabelais (1494-1553), em *A Cultura Popular na idade Média e no Renascimento*, através de pistas e rastros padronizáveis, encontramos valores sacros e carnavalescos na multiplicidade das manifestações culturais populares. Ao passo que, na literatura renascentista, são elencados ritos (antitéticos) populares entre o sagrado e o profano, “quase todas as festas religiosas possuíam um aspecto cômico popular e público, consagrado também pela tradição” (BAKHTIN, 2010 [1965], p. 4). Com esse pressuposto, Bakhtin discute a cultura cômica

popular com ênfase para o riso popular e suas formas em oposição à cultura oficial, “ao tom sério, religioso e feudal da época”, subdividindo-a três grandes categorias inter-relacionadas: (1) *As formas dos ritos e espetáculos*; (2) *Obras cômicas verbais* (inclusive as paródicas) de diversa natureza; (3) *Formas e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro*.

Nessa linha de interpretação dialógico-discursiva, desde suas primeiras formulações sobre a empatia, em seu projeto inicial *Para uma filosofia do Ato responsável* 2010 [1920-24], é notória a remissão à figura de Cristo, cuja encarnação, na perspectiva de Bakhtin, tornou-se “um grande símbolo da auto-atividade”, sem que um ser humano se desvincule do outro (BAKHTIN, 2006 [1979], p.34). Tais ideias são ampliadas e reenunciadas no capítulo *O corpo como valor: o corpo interior*, na coletânea *Estética da Criação Verbal*, em que, para Bakhtin (2006 [1979], p.51) o cristianismo se afigura complexo e heterogêneo. Ainda nesse mesmo tópico, o filósofo russo atesta a existência de dois problemas do cristianismo relacionados à questão do corpo: as tendências platônicas e as neoplatônicas e em passagens de *Problemas da poética de Dostoiévski*.

Ao imergirmos nas escrituras bakhtinianas, verificamos uma ampla densidade de formulações teórico-filosóficas sobre o ativismo estético, assim como algumas questões comparativamente relacionadas às terminologias bíblico-teológicas, às doutrinas e às mediações simbólicas cristãs, a exemplo da concepção da graça estética, redenção da literatura, *kenosis* (esvaziamento), empatia, amor, dentre outros (COSTA, 2016). Então, ao propor um sujeito alteritário, não cartesiano, mas pensado na *vivência com o outro e o outro para mim*, Bakhtin afirma que, ao participar desse evento, o sujeito se relaciona com o sagrado ao mesmo tempo em que interage com a alteridade, com a comunidade. Seus dizeres tangenciam que

Em Cristo encontramos a síntese, única pela profundidade, do solipsismo ético, do rigor infinito do homem consigo, isto é, de uma atitude irreprensivelmente pura em face de si mesmo com a bondade éticoestética para com o outro: aqui, pela primeira vez, apareceu o eu-paramim infinitamente profundo, não frio mas desmesuradamente bondoso com o outro, que faculta toda a verdade ao outro como tal, revela e afirma

toda a plenitude da originalidade axiológica do outro. Para Cristo, todos os homens se dissolvem nele como o único e em todos os outros homens; nele, que perdoa, e nos outros, os perdoados; nele, o salvador, e em todos os outros, os salvos; nele, que assume o fardo do pecado e da expiação, e em todos os outros, libertos desse fardo e purificados. Daí que em todas as normas de Cristo contrapõe-se o eu ao outro: o sacrifício absoluto para mim e o perdão para o outro. *No entanto, o eu-para-mim é o outro para Deus.* Deus já não se define essencialmente como a voz da minha consciência, como a pureza da atitude para comigo, a pureza da autonegação arrependida de tudo o que está dado em mim, como aquele em cujas mãos é pavoroso cair e de quem ver a face significa morrer (a condenação imanente de si mesmo), mas como o pai celestial que está acima de mim e pode me absolver e perdoar onde eu, por princípio, não posso me absolver e perdoar de dentro de mim mesmo e permanecer puro comigo mesmo. Deus é para mim o que eu devo ser para o outro. O que o outro supera e rejeita em si mesmo como um dado nocivo eu aceito e perdôo nele como a carne preciosa do outro (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 52, grifos nossos).

Paralelo a esse vetor argumentativo, na perspectiva de Volóchinov, quanto às interrelações entre filologia, linguagem e religião,

Os primeiros filólogos linguistas sempre e em todo o lugar foram os sacerdotes. A história não conhece nenhum povo cujas lendas ou escrituras sagradas não tenham sido, em menor ou maior grau, escritas em uma língua alheia e incompreensível para o profano. A tarefa dos sacerdotes e filólogos era justamente decifrar o mistério das palavras sagradas. (VOLOCHINOV, 2017 [1929], p. 187).

Ao discutir sobre a natureza do pensamento linguístico, sobre domínios de linguagem, Volóchinov recorre, inclusive, à “doutrina védica da palavra sobre o Logos dos pensadores gregos antigos e a filosofia bíblica do verbo”. (2017 [1929], p. 187). Nessas vias de discussão, em uma perspectiva sociológica, a religião é acentuada, por Medviédev (2016 [1928]), como um dos diversos campos da criação ideológica, estando ao lado da ciência, arte, moral etc. Isso será aprofundado na seção seguinte.

## 2. Bakhtin e o Círculo: breves incursões sobre o discurso religioso

Ao analisar a linguagem enquanto ato e vivência do Outro, Bakhtin, ao ponderar o todo axiológico único do corpo humano – *o corpo como valor* (2006 [1979], p. 44), afirma que a originalidade do vivenciamento “da imagem externa na autoconsciência e em relação a outra pessoa, das fronteiras externas do corpo e da ação física externa” compõe uma síntese que só pode se situar em três planos: “ético, estético e em parte no religioso”. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 44). Ou seja, a religião consiste em um plano ideológico em que o ser humano está constituído através de sua linguagem.

Os textos que fazem menção ao discurso religioso são *Estética da Criação Verbal* (2006); *Questões de literatura e Estética: a teoria do romance*, e *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1987). Apesar de essas obras terem sido produzidas primordialmente pensando-se no discurso estético, e este “iluminado pelo valor artístico da obra” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 6), trazem considerações relevantes sobre o discurso religioso, tais como os dos gêneros do discurso, a dialogia da palavra e o processo interdiscursivo de transmissão e recepção a/de outrem.

Nessa linha dialógica, desde as suas formulações primeiras acerca da empatia, em seu projeto inicial “Para uma filosofia do Ato (responsável)”, é nítida a remissão à figura de Cristo, cuja encarnação, na ótica de Bakhtin, se tornou “um grande símbolo da auto-atividade”, sem que um ser humano se desvincule do outro. (BAKHTIN, 2006 [1979], p.34). Tais ideias são ampliadas e reenunciadas em seu texto, no capítulo *O corpo como valor: o corpo interior* (BAKHTIN, 2006 [1979], p.51), em que dirá que “o cristianismo se afigura complexo e heterogêneo”.

Ainda nesse mesmo tópico, o filósofo debate dois problemas do cristianismo relacionados à questão do corpo: as tendências platônicas e as neoplatônicas, acerca de

temas essenciais, como alma, espírito e ritmo. *Problemas da poética de Dostoiévski* reúne ampla densidade de formulações teórico-filosóficas sobre o ativismo estético, assim como alguns esboços relacionados às terminologias bíblico-teológicas, como a concepção da *graça estética*, redenção da literatura e *kenosis* – esvaziamento (COSTA *et. al.*, 2016).

Para Orlandi (1987), o discurso religioso é perpassado por uma noção de reversibilidade, que corresponde à troca de papéis, característica comum entre as pessoas do discurso, no momento do diálogo. No tocante a essa particularidade, conforme Orlandi (1987), o discurso religioso suprime qualquer tipo de interlocução ou troca de papéis entre as pessoas do discurso, uma vez que o sujeito (fiel) não pode assumir o lugar do Sujeito (Deus), da voz divina que fala. Essa “interação” ocorre, apenas, por meio de uma ilusão, a qual a autora denomina de “ilusão da reversibilidade”.

Assim, é destacada pela autora a relação estabelecida entre Deus e os homens por meio da linguagem, assimilando a palavra divina (religiosa) à palavra autoritária, e isso constitui o cerne do discurso religioso. Esta palavra não pode ser modificada, mas apenas transmitida ou interpretada: “podemos dizer que o discurso religioso não apresenta nenhuma autonomia, isto é, o representante da voz de Deus não pode modificá-la de forma alguma” (ORLANDI, ([1983] 1987, p. 245).

Em seu texto, Orlandi define o discurso religioso como aquele *em que fala a voz de Deus*, sendo, portanto, o pregador um representante dessa voz, a pessoa autorizada para transmiti-la. Com vistas nisso, a autora afirma que no discurso religioso há um desnivelamento na relação entre locutor e ouvinte. Isso constitui dois planos: o plano espiritual, caracterizado pela voz de Deus, pelo ser divino, hierarquicamente onipotente, onipresente, eterno, e todo-poderoso; o plano temporal, *o cronos*, representado pelos seres humanos, hierarquicamente mortais, frágeis, com a conhecimento limitado. Esse desnivelamento seria, de certa forma, o responsável pela falta de reversibilidade no discurso religioso, já que o ser temporal não pode assumir o lugar do ser espiritual.

Apesar de essa autora (1987) defender que o discurso religioso tende à monossemia<sup>3</sup>, é importante recuperar que, para Bakhtin, todo enunciado é eminentemente dialógico, ou seja, estabelece relações de sentido com outros enunciados. Assim, embora o discurso religioso seja uma força centralizadora, no que tange aos aspectos ideológicos, no que se refere ao seu processo de constituição, é dialógico.

O fenômeno da *reversibilidade* pode ser também constatado em Bakhtin (2011), pois uma das características do enunciado é a alternância dos sujeitos do discurso, uma vez que o sujeito acaba, enforma um enunciado, em circunstâncias específicas, a fim de que esse possa suscitar réplicas, ou seja, compreensões responsivas ativas. Desse modo, a alternância entre os sujeitos é uma característica essencial das unidades reais de comunicação da língua.

Essa discussão desencadeia outra reflexão sobre o discurso religioso, a saber, as réplicas, respostas responsivas ativas, que também fazem parte do movimento dialógico do enunciado. Então, somos impulsionados a pensar: até que ponto é possível o discurso religioso provocar respostas? No sermão expositivo, por exemplo, existem réplicas?

Sabemos que, geralmente, não há respostas de forma explícita, pois a natureza do próprio gênero sermão não permite – isto é, a situação de enunciação não admite – que os interlocutores (fieis) concretizem sua compreensão responsiva sobre o objeto do discurso. Desse modo, conforme Bakhtin (2006 [1979]), o simples ato de ouvir provoca no sujeito uma reação de concordância, discordância etc., ou seja, provoca uma compreensão responsiva que, por sua vez, pode gerar uma resposta responsiva retardada.

Isso é o que acontece com o sujeito Jesus Cristo, no momento em que profere suas enunciações. A partir do instante em que traz o discurso do Pão da vida, provoca essa busca responsiva intersubjetiva, e a palavra passa a permear a consciência dos outros sujeitos – ato ideo(dia)lógico. Inseridos no conceito de discurso em aporte bakhtiniano, como sendo

---

<sup>3</sup> Como uma palavra autoritária, que não admite outras forças, outros pontos de vista, eis o discurso religioso. Nesse sentido, tem uma inclinação para a monossemia.



heterogêneo, multifacetado, como um conjunto de vozes sociais e relações entre interlocutores (eu-outro), propomos partir, então, para o conceito de discurso religioso.

Percebemos o conceito de religião e categorias relacionadas ao discurso religioso a partir da perspectiva de Otto (2007) e Eliade (2013). Em "O Sagrado e o Profano" (2013), este autor recupera noções importantíssimas acerca do *ser sagrado* e das manifestações materiais do sacro, o que recebe o nome de hierofania<sup>4</sup>. Para Eliade, todas as manifestações do sagrado devem ser respeitadas e consideradas como conteúdo religioso, ou raiz religiosa.

É importante destacar que sagrado está para a ordem do não-terreno, do celeste, de outro plano que não seja o plano ordinário, humano. Ou seja, o sagrado está para a vida religiosa assim como o profano está para a vida secular. Feita essa primeira diferenciação, concebemos, em primeira linha, discurso religioso como *produção sócio-histórica, de natureza ético-cognitiva, que reflete e refrata a vida sagrada, em contato com o sobrenatural, a partir do instante em que o homem estabelece relações com esse plano denominado divino*. O próprio significado de religião provém, como já explicado, do “*re-ligare*”, religação com o divino.

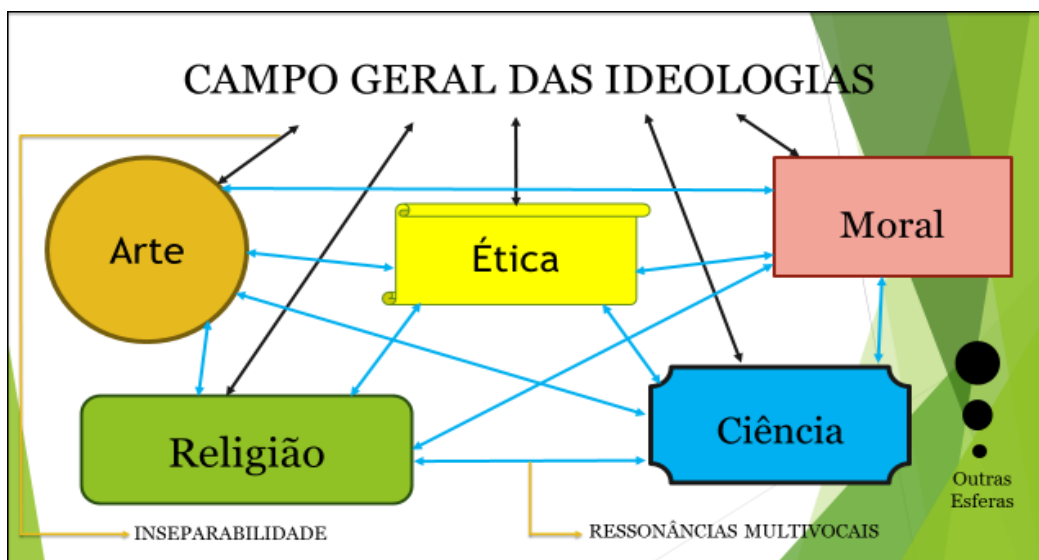
### 3. Perspectivas ideológica, sociológica e fenomenológica de religião

Na perspectiva de Medviédév (2016 [1928]), a religião constitui um dos diversos domínios de saber, integrante de um *campo geral das Ideologias* em que são perceptíveis as especificidades de cada esfera, as quais entram em comunhão e se complementam.

---

<sup>4</sup> O termo hierofania [do grego *hieros* (ἱερός), sagrado e *faneia* (φαίνειν), manifesto] pode ser definido como o ato de manifestação do sagrado. Este termo é atribuído a Mircea Eliade (2010) para se referir a uma consciência fundamentada da existência do sagrado, quando se manifesta através dos objetos habituais do *kosmos* como algo completamente oposto do mundo profano.

Figura 1: Fenômeno geral das Ideologias



Fonte: elaboração própria a partir de Medviédev (2016 [1928]).

Ao refletir sobre as inter-relações entre os fenômenos representados, o estudioso russo afirma que “Todos os atos individuais participantes da criação ideológica são apenas os momentos inseparáveis dessa comunicação e são seus componentes dependentes” (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 49), e é esse o motivo pelo qual não podem ser estudados fora do processo social que os compreende como um todo. Assim, entre um fenômeno ideológico e outro podemos perceber ressonâncias multivocais, ou seja, ainda que cada um tenha sua singularidade enquanto campo específico, mantém contato com outras esferas de saber. Pelo fato de a religião ser uma esfera bastante polimorfa, fizemos um levantamento dos conceitos presentes nas principais áreas deste *domínio de saber*. Após isso, delimitamos o nosso posicionamento frente às referentes conceituações acerca da religião.

A religião é compreendida como um espaço que envolve duas realidades: uma visível e outra transcendental, ou ainda uma profana e outra sagrada (cf. ELIADE, 2013). A

realidade visível se refere ao mundo físico (profano), enquanto a transcendental diz respeito ao mundo metafísico (sagrado).

Concordamos com Otto (2007), quando afirma que o campo religioso é um ambiente da experiência humana que apresenta algo próprio: o fato de a religião não se esgotar em seus enunciados racionais. Ela também é composta pelo enunciado irracional, isto é, por aquilo que é indizível, e que foge às apreensões conceituais científicas, uma vez que nenhum conceito esgota a ideia de divindade. O termo sagrado (*heilig*), para este estudioso, sempre esteve ligado a atributo moral no campo religioso. Porém, Otto esclarece que em línguas antigas esse termo significava algo mais, e que outros significados são reinterpretações racionalistas do termo.

Na perspectiva da *Fenomenologia da Religião*, o ser humano é, por natureza, um ser religioso. Em via paralela, a *Psicologia da Religião* atesta que as “expressões religiosas existem praticamente em todos os níveis de civilização” (ROSA, 1979, p. 44). Adepto dessa linha, Jung projeta seus pontos de vista:

Encaro a religião como uma atitude do espírito humano, atitude que de acordo com o emprego originário do termo “religio”, poderíamos qualificar a modo de uma consideração e observação cuidadosas de certos fatores dinâmicos concebidos como potências: espíritos, demônios, deuses, leis, ideias, ou qualquer outra denominação dada pelo homem a tais fatores; dentro de seu modo próprio, a experiência ter-lhe-ia mostrado suficientemente poderosos, perigosos ou mesmo úteis, para merecerem respeitosa consideração, ou suficientemente grandes, belos, racionais, para serem piedosamente adorados e amados. (JUNG, 1999, p. 10).

É diante deste quadro descritivo do fenômeno religioso que o temor ao porvir incógnito e a falta de respostas às investigações humanas fazem com que o próprio humano desenvolva teorias, doutrinas, crenças, rituais, liturgias, dentre outros espaços ideológicos, relacionando-os a uma divindade, que o auxilie na compreensão dos seus anseios.

Spinks (1965) sugere que as práticas e crenças dos vários povos, desde sua antiguidade, são comuns a todos os mortais. A universalidade das necessidades humanas, por exemplo, compõe esferas tanto de ordem física quanto de ordem espiritual. Desse

modo, a tendência à unidade e à completude do homem, como ser finito, prevê a consciência da existência de um poder transcendental – sagrado –, que é operante no mundo. Clark (2012, p. 22), por sua vez, ampliando o horizonte do termo Religião, formula que “é a experiência íntima do indivíduo, quando ele sente um Transcendente, e que se expressa em seu comportamento, quando ele ativamente procura harmonizar sua vida com esse Transcendente.” (Grifos do autor).

No intuito de prestar visibilidade analítica ao comportamento dos seres humanos e à sua procura constante pelo sagrado, Durkheim (2000, p. 32), ao elencar e classificar a religião como um fenômeno coletivo, exhibe-a como “[...] um sistema solidário de crenças e de prática relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças de prática que se reúnem numa mesma comunidade moral chamada Igreja”. Por conseguinte, Eliade, pela ótica da Fenomenologia da Religião, atestará que “todo rito, mito, crença ou figura divina reflete a experiência do sagrado e, por conseguinte, implica as noções de *ser, de significação e de verdade*” (ELIADE, 2010, p. 13, grifos do autor).

As pesquisas de Leuba 2012 (1969), acerca das definições de Religião atestam que estas podem ser classificadas em dois grandes grupos: o primeiro gere definições de religião como o reconhecimento de um mistério, que exige interpretação. O último grupo confere definições formuladas e desenvolvidas por Schleiermacher (1958), que define religião como o sentimento de absoluta dependência de Deus.

É frente a esse cenário de classificações que centramos o direcionamento de nossa pesquisa às perspectivas de Otto e Schleiermacher. Em relação à obra “O sagrado”. Otto (2007) objetivou descrever e analisar *de que forma* as pessoas reagem diante do sagrado. Rompeu com o enfoque tradicional baseado em testemunhos da história da religião e apresentou uma nova perspectiva que transfere *da Teologia e da História para a Religião* indagações acerca das experiências e vivências humanas do sagrado como constitutivas do fundamento da religião.

Ainda que reconheçamos como válidas as diversas expressões religiosas existentes nas raízes culturais dos povos, e as manifestações do sagrado, estabelecemos aqui um recorte, e partimos do termo “re-ligare” produzido no núcleo de produções judaicas, especificamente a Torá, ou a Lei de Moisés. Nas palavras de Rosa,

O povo judeu, dentre todos os povos da antiguidade, salientou-se em suas concepções religiosas. Partindo, talvez, das formas de politeísmo prevalecente no seu mundo cultural e geográfico, esse povo atingiu a forma mais refinada de monoteísmo de que se tem conhecimento na História. (1979, p. 47).

Nos registros do Pentateuco<sup>5</sup>, a narrativa mosaica evidencia o fato de que homem e mulher tinham sido criados à imagem e semelhança do Deus que os criara (Gn 1. 27). Ainda que a criação humana fosse sem mácula em seu princípio (Sl 8. 6), a desobediência, fruto do pecado, os fizera maculosos (Gn 3. 1- 24). Sem que pudessem gozar dos deleites oferecidos por Deus no Éden, homem e mulher se distanciam daquele que Moisés registra como “O criador”. É em decorrência de tais fatos – desligamento do humano com o sagrado – que surge o termo Religião (*Re ligare*), significando um posterior religamento com Deus. Tal expressão, ou campo de atividade humana, tem o intuito de religar a natureza humana à natureza de seu criador.

Para entender-se como se fundamenta e ganha concretude o discurso religioso enquanto um *fenômeno ideológico teórico-prático do campo da Religião*, foi necessário reportar-se ao campo dos estudos da linguagem e do discurso. Conforme se evidenciou, não apenas mantivemos nosso olhar nos escritos de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, antes, tivemos seus pressupostos como subsídio e fundamentação para outros dizeres sobre o fenômeno religioso.

---

<sup>5</sup> O termo Pentateuco provém do grego, *πεντατευχος*, e significa “cinco livros”. O pentateuco compõe-se de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. São chamados, de acordo com registros bíblicos, de: “Os cinco livros de Moisés, ou A Lei de Moisés (Ed 7.6), “O livro da Lei de Moisés” (Ne 8.1), “O livro de Moisés” (Ed 6.18) e ainda “O Livro da lei do Senhor”, dado por intermédio de Moisés (2 Cr 34.14).

## Conclusão

Esta pesquisa está engendrada em um conjunto de estudos que buscou investigar os fenômenos de linguagem presentes no discurso religioso. Apesar de haver a importância da religião nas mais diversas sociedades, como a *Fenomenologia das Religiões* (ELIADE [2010, 2011, 2013]), o interesse por investigar os fenômenos desse *campo ideológico* parece estar destinado às áreas de linguagem e filosofia, a partir dos pressupostos de (2006 [1979], 2010 [1920-24]), Medviédev (2016 [1928]) e Volóchinov (2017 [1929]).

Espera-se, com a seguinte análise, evocar outros discursos, trabalhos e pesquisas em torno da temática da religião, a qual foi tão cara a Bakhtin, e que se concretiza nas entrelinhas de suas produções.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. 2ª. ed. Pedro & João Editores. São Carlos, 2010.

\_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. [tradução feita a partir do russo; tradução Paulo Bezerra]. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1979].

BRAIT, Beth. “Introdução. Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana”. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

CARDITA, Ângelo. **Desafios teológicos da “Filosofia do ato”, de Mikhail Bakhtin**. 25º Congresso Internacional da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER). Anais. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012.

COSTA, Julia Cristina de Lima. **Exegese bíblica do Novo Testamento sob o viés da Teoria da Enunciação de Bakhtin e o Círculo: uma proposta de análise discursivo-**

enunciativa. 208 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, 2016.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas, volume I:** da idade da Pedra aos mistérios de Elêusis. Trad: Roberto Cortes de Lacerda – Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. **O Sagrado e o Profano** – a essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes, WMF Martins Fontes. São Paulo, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Religião.** Trad. Pe Dom Marques Ramalho Rocha – Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

LEUBA, James Henry. **A Psychological Study of Religion.** New York: The New American Library of World Literature – 2012 (1969).

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O Método Formal nos estudos literários:** introdução a uma poética sociológica. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

NÓBREGA, Maria Bernardete da. COSTA, Julia Cristina De L. SANTANA, Wilder Kleber F. de. A última ceia, de Leonardo da Vinci, como (re) enunciação da ceia bíblica: uma leitura bakhtiniana. In: COSTA, Julia Cristina de L. FRANCELINO, Pedro Farias [Orgs.] **Linguagem, discurso e religião:** diálogos e interfaces. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. 215p.

ORLANDI, E.P. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. 2ª. ed. Campinas, Pontes, 1987.

OTTO, Rudolf. **O sagrado:** aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

ROSA, Merval. **Psicologia da religião.** 2ª edição. Rio de Janeiro – Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1979. (251p).

SCHLEIERMACHER, Friedrich. **On Religion:** Speeches to its Cultured Despisers (Translated by John Oman), New York: Harper & Row Publishers, 1958.

SPINKS, George Stephens. **Psychology and religion:** An introduction to contemporary views. Boston – Beacon Press, 1965.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. (círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].